A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim. Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*O general Claudino*, por Pinheiro Chagas.—*As nossas gravuras*.—*Anima mea*, soneto, por Anthero do Quental.—*Em familia*, (*Passatempos*).—*Peccadora*, versos, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.—*Um conselho por semana*.—*O senhor abbade*, por D.
GRAVURAS.—*Monumento a D. Pedro V, em Castello de Vide*.—*Pescadores de Veneza*.—*Uma scena da Revolução franceza*.—*Os saltimbancos*.—*Cruzes da Sé*.

CHRONICA

Ainda o frio? Ainda. O frio e a renda das casas; o nordeste assassino e o dia 25 de novembro; o inverno desapiedado e o senhorio implacavel.

Um dos males, por si só, era já bastante: os dois juntos, soffridos ao mesmo tempo, d'uma assentada, sem intervallo, constituem a mais cruel das calamidades.

Ahi está porque as vidas são curtas e as bolsas andam vazias. Pois podera!

D'um lado, a invernia mordente a estiolarnos; a conta do alfaiate a crescer, em face das exigencias atmosphericas, que nos fazem comprar mais um *bournous*, mais umas polainas, mais uns colletes de flanella confortavel. Do outro, o senhorio causticante a pedir para ali tudo quanto podémos roubar aos gastos da fatiota salva-vidas, sob pena de irmos riscar domicilio no asphalto dos passeios, á fresca, tendo por tecto o manto azul estrellado dos poetas noctivagos.

E' triste!

Reune-se em Berlim um congresso europeu para investigar se exercemos ou não soberania sobre o Zaire, e não ha quem se lembre de reunir uma conferencia internacional, onde se decrete a abolição dos senhorios impiedosos.

Anda a diplomacia da Europa a discutir em todos os idiomas a questão do Congo, e não ha ninguem que cuide de estudar as atribulações d'um inquilino, chamando para o assumpto a attenção dos paizes cultos, estabelecendo leis redemptoras que nos livrem para sempre d'estes supplicios semestraes.

MONUMENTO A D. PEDRO V, EM CASTELLO DE VIDE

Aposto que Bismarck nunca aturou um senhorio, e que lord Granville não soube ainda o que é pagar renda de casas. Se elles tivessem a noção d'esse flagello, se o mal invadisse aquellas duas potentes individualidades como nos invade a nós, ameaçador e terrivel, duas vezes em cada anno que passa, já a Europa inteira teria sido chamada a occupar-se da questão, postergando os assumptos do Zaire e a liberdade de commercio no Niger.

Mas nenhum d'elles sabe de perto o que isto é. A diplomacia leva vida folgada, e não se digna olhar lá das altas regiões da politica, onde paira, para estas pequeninas miserias mundanas. *De minimi non curat prætor*. Cada qual que se governe.

=E no emtanto, apezar das rendas de casa sempre crescentes a satisfazer, com uma pontualidade esmagadora, a despeito da carestia descommunal d'essas drogas com que para ahi nos envenenam *au jour le jour* nos *restaurants* e nos mercados, o luxo campêa insolentissimo por todos os cantos, um luxo assombroso, incompativel com a pobreza franciscana da nosso meio burguez.

A cada passo topamos com uma infinidade de vistosas *toilettes* opulentas, amesquinhando petulantemente o vestido singelo da operaria modesta, que se arrasta pelo *trottoir*, caminho da fabrica.

Se soubessem quantos pudores desfeitos, quantos juramentos trahidos e quantos adulterios infamissimos, sem amor, representam algumas d'essas esplendidas *toilettes*.

Se soubessem de quantas deshonras irremediaveis, de quantas lagrimas eternas e de quanto sangue ellas são feitas... quanto lodo infecto se misturou a trama d'aquellas sedas quantas ruinas são cobertas pelos esplendores d'aquellas roupagens mirabolantes, ruinas de dinheiro, ruinas d intelligencia, ruinas de coração... Se tudo isso fosse posto em evidencia, aquellas elegancias bem trajadas, em vez de nos inspirarem amor, provocar-nos-iam tedio.

Acima de tudo uma *toilette* fascinadora, e viva o prazer!

Ha filhas d'Eva que fazem consistir n'isso o seu mais formoso ideal.

Se fores encontral-as nos seus pequeninos *boudoirs*, com os olhos humidos de lagrimas, queixosas e tristes, não te commovas. Julgas acaso que soffrem porque os maridos as desprezaram ou porque algum dos filhinhos agonisa no berço? Enganas-te.

Os maridos? nem d'elles se lembram!

Os filhos? Não sabem que elles existem, desde que os entregaram aos cuidados mercenarios de qualquer ama boçal.

Sabem apenas que lhes não é dado conseguir um formoso vestido de cachemira visto em exposição no *atelier* da Aline; pensam n'aquelle collar formosissimo de perolas, que se destacava ha pouco sobre a seda vermelha da *vitrine* do Seixas, e que f i parar aos hombros da *cocotte* loira mais em voga.

E' isso que lhes imprime em volta dos olhos a vermelhidão das lagrimas. Eis as suas grandes e unicas dores

E emquanto *ellas* sonham com as perolas do Seixas e com os setins fascinadores da Aline, *elles* mourejam cá por fóra, ao frio e á chuva, ou assentados diante da secretária burocratica, com o braço enfiado na manga d'alpaca tradicional.

=Mas a que proposito veio esta grande *tirade* pretenciosamente moralisadora? Ah! Já sei! Os senhorios.

Raça maldita!...

=As emprezas theatraes de Lisboa resentem-se d'esta gelada temperatura que ha dias nos traz acorrentado aos nossos penates, sem valor para affrontar as raivinhas teimosas do nordeste.

Fica tudo em casa, á noite, muito aconchegado na poltrona de rodas, junto do fogão, onde crepita um fogo consolador.

Os que se atrevem a sair, os mais ousados, tratam primeiro de fazer testamento.

Até no Colyseu, onde uma familia qualquer, composta de bellos rapazes vigorosos, executa verdadeiros assombros d'acrobatismo, tem rareiado espantosamente a concorrencia.

S. Carlos, por ser santo e estar chegado aos deuses, é que zomba dos rigores athmosphericos. Só elle tem conseguido encher-se. Verdade seja que nos desafia com o *Guilherme Tell*, brilhantemente cantado, com os *dos sustenidos agudos* do Guille, com a bella voz do Devoyod, com o magnifico orgão vocal do baixo Nannetti e com a plastica adoravel da *diva* Morelli.

Depois, o *habitué* do nosso theatro lyrico, por via de regra, só ali vae de carruagem, commodamente reclinado em bons *landaus huit ressorts*. Assim, pode-se resistir sem medo ás intemperies.

=No Gymnasio fazem-se os ultimos preparativos para a proxima festa artistica de Beatriz Rente, uma actriz gentilissima, cujos olhos teem sido cantados em prosa e verso por todos os escriptores e bardos lusitanos.

Eu não sei o que leva uns e outros a cantarem só os olhos da formosa actriz, deixando-lhe o talento na penumbra, quando ella tem olhos e talento para dar e vender. Ainda hei de discutir este assumpto com algum vate da geração moderna, mas d'aqui a tempos.

Talvez o poeta das *Orchidias* saiba informar-me sobre a rasão d'aquella estranha preferencia.

=Na Trindade cuidam de dar substituto ao *Luzbelin*, isento do serviço por incapacidade physica.

A proposito de Trindade, lembra-me agora que promettera ralhar amigavelmente com a Josepha d'Oliveira. Isto de promessas leva-as o vento, e a vontade de ralhar passou-me. Succede sempre assim quando as coisas não se fazem logo.

Tambem eu hoje tinha obrigação de solemnisar, como bom patriota, em quatro phrases palavrosas da chronica, o 244.º anniversario da independencia nacional. Promettera-o a mim mesmo, ha oito dias, com uns pruridos de entoar enthusiasticamente, aos sons da philarmonica *Incrivel Almadense*, o hymno patriotico que principia assim:

«Lusitanos é chegado»
etc.

Mas a chronica, que deve ser o echo de tcdos os factos, tem de subordinar-se ao espaço que lhe concedem. Fica, pois, para o anno proximo futuro a exhibição da minha cantata patriotica ao 1.º de dezembro, e para o numero seguinte, se estiver mal humurado, a reprimenda amigavel que prometti á nossa *diva* de Opera Comica.

C. DANTAS.

O GENERAL CLAUDINO

III

O marechal Beresford estava no Rio de Janeiro quando a divisão chegou. Talvez inintencionalmente, ou para fazer sentir o peso da sua auctoridade, deu ordem para que o 3 e o 4 de caçadores fossem transformados em dois regimentos de infanteria para os quaes nomeou logo dois coroneis—João Carlos de Saldanha, que foi depois duque de Saldanha e Francisco de Paula de Azeredo que foi depois conde de Samodães. Ficavam assim exonerados o commandante do 4, tenente-coronel Callado que fez depois a sua carreira militar no exercito brazileiro, e o commandante do 3, que era, como sabemos, o tenente-coronel Claudino.

Profundamente magoado com esta resolução, Claudino deliberou ir-se queixar a el-rei. A narrativa d'essa entrevista com o soberano, feita pelo proprio interessado, é curiosissima:

«Cheguei áquella residencia (S. Christovão) em favoravel occasião, por ter a fortuna de encontrar el-rei quando se recolhia a pé da quinta para o palacio. Ia comsigo o major do meu batalhão, José Pedro de Mello, que foi testemunha da exposição que fiz a Sua Magestade, e das respostas benevolas e lisongeiras d'aquelle senhor. Depois de eu lhe haver beijado a mão, Sua Magestade teve a bondade de me perguntar se eu era commandante do 3.º batalhão, a que respondi:—Sim, meu senhor, sou o tenente-coronel, que organisou e disciplinou o terceiro batalhão, e, quando esperava que teria a ventura de que Vossa Magestade approvaria os meus desvelos e assiduos cuidados na organisação e commando de um corpo que me foi confiado em nome de Vossa Magestade, vou ter o dissabor de deixar este commando sem que a consciencia me accuse de haver commettido a menor falta. Eu não peço a Vossa Magestade que me faça coronel do 1.º regimento, mas espero da justiça de Vossa Magestade me conserve o commando de um corpo, cuja disciplina é filha dos meus cuidados e fadigas, e do qual me não tenho tornado indigno. No exercito de Portugal, durante a ultima guerra, muitos regimentos foram commanda-los por tenentes-coroneis, e não seria extraordinario que eu agora commandasse um novo regimento, composto do batalhão que até aqui tenho commandado com o pequeno augmento de duas companhias que se lhe vão annexar. Estou tão certo da recta justiça de Vossa Magestade que ouso esperar esta graça de Vossa Magestade.

«El-Rei, cujas benevolas intenções são de todos conhecidas, respondeu-me:=Tem razão, eu hei de satisfazel-o, e vá certo de que o hei de contentar, porque tenho muito boas informações a seu respeito.

«Tive depois a honra de acompanhar el-rei até ao palacio, fazendo-me elle durante o caminho muitas perguntas relativas ao estado com que se achava Portugal. Entre as que me eram particularmente relativas, e, como dissesse que antes da invasão havia servido no regimento 24 de infanteria ou infanteria de Bragança, parando e voltando-se para mim, disse me: «Não era coronel d'esse regimento um velho gordo, chamado Manuel Leite?—Sim, meu senhor, era o mesmo, respondi eu. Então el-rei, voltando-se para os camaristas, disse-lhes:—Lembro-me que o coronel Leite tinha farda com bandas amarellas, e que passava por ser um homem honradissimo.

«Quando saia do palacio de S. Christovão, encontrei na escada o marquez de Bellas e o coronel Luiz Paulino, que haviam presenciado o que eu dissera a el-rei na quinta. O marquez, depois de me comprimentar, disse-me que não havia de abandonar a minha pretenção, porque Sua Magestade estava muito propen-

so a reparar a injustiça que me tinha sido feita, que el-rei gostára muito do modo por que lhe fallára; que havia perguntado por mim ao marechal-general, e que este, sem ainda saber o motivo porque el-rei lhe fallára de mim, o havia informado muito favoravelmente. Accrescentou o marquez que eu devia fallar todos os dias a el-rei, e que, para vir a S. Christovão, me offerecia a sua carruagem, o que muito agradeci sem o acceitar.»

Como se illudia o pobre tenente-coronel! As intenções d'el-rei eram excellentes, mas o general inglez pouco se importava com isso. Claudino teve de entregar o commando do batalhão e foi intimado a comparecer n'uma reunião de officiaes para ser asperamente reprehendido pela ousadia que tivera de se dirigir ao soberano. Escapou a essa reprehensão por um triste acaso, que o prostrou na cama com febre, exactamente no dia em que se celebrava a reunião.

Quem pagou por ambos foi o seu companheiro no requerimento, o tenente-coronel Callado, que ouviu da bocca do rude marechal as mais asperas injurias, e se humilhou diante d'elle, pedindo-lhe perdão, e protestando que retiraria todos os requerimentos, e faria o que lhe fosse ordenado.

O marechal porém não se contentou com isso. Mandou inspeccionar o tenente-coronel Claudino por um cirurgião militar para saber se elle estava devéras doente. Cenvenceu-se de que a doença não era simulada, mas quiz que, apenas elle se levantasse, partisse immediatamente para Portugal, perdendo todas as vantagens que tinham tido os outros officiaes, e sendo prejudicado inclusivamente na sua antiguidade.

O rei porém estava seriamente magoado com estes incidentes. Não ousava revoltar-se contra o predominio do insolente estrangeiro, mas não queria ao mesmo tempo que um official, que se acolhera á sua protecção, soffresse por isso mesmo os mais graves transtornos. Encarregou o seu ministro, conde da Barca, de arranjar as coisas de fórma que tudo se compozesse, e o conde conseguiu que o tenente coronel D. Alvaro da Costa consentisse em trocar com o tenente coronel Claudino, passando de immediato do ajudante general a official de fileira, para que Claudino não passasse pela humilhação de ser subalterno do coronel Saldanha no mesmo regimento que organisára e commandára. Ainda a essa troca se oppoz o feroz marechal Beresford, e persistiu em mandar Claudino para a Europa.

D. João VI viu-se nos mais afflictivos apuros; quando recebia Claudino, dizia-lhe «que o havia de contentar muito», mas diante do marechal costumado a dominar-lhe a vontade, não tinha força para reagir. Comtudo, o marechal excedeu todos os limites, e afinal o soberano, appoiado e animado pelo conde da Barca, e por Thomaz de Villa Nova Portugal, que dizia que não se podia exigir de um militar que fosse heroe diante do inimigo e escravo diante do seu general, fez sentir a Beresford que escusava de contar com a sua assignatura para mais alguma perseguição.

Beresford então transigiu. Disse até algumas palavras agradaveis a Claudino, e, se lhe não deu nem o commando de um corpo, nem lhe permittiu que trocasse com D. Alvaro da Costa, ao menos permittiu que lhe fosse confiado o commando de um contingente composto de varias companhias de infanteria, que devia formar a vanguarda da divisão.

N'esse posto de confiança prestou Claudino os mais relevantes serviços, distinguindo-se de um modo brilhantissimo no combate de India Morta, que abriu, póde dizer-se, á divisão portugueza as portas de Montevideu. Como Beresford partira no entretanto para a Europa, onde ia enforcar Gomes Freire, já que não podéra enforcar no Brazil Claudino Pimentel, este, apenas foi promovido a coronel graduado, tomou o commando do seu 1 de infanteria, que era o regimento em que se transformára o 3 de caçadores. Esse commando deixára-o vago Saldanha, promovido a brigadeiro. Commandava ainda esse corpo em 1820, quando foi promovido a coronel effectivo, e ainda exercia esse commando, quando chegou a Montevideu a noticia da revolução do Porto. Foi com verdadeiro enthusiasmo que Claudino abraçou os seus principios, e foi o primeiro a proclamal-os á testa do seu regimento, sendo seguido por toda a divisão, cujo commandante não teve remedio senão adherir tambem á nova ordem de coisas. Eram os correligionarios de Claudino que infligiam a Beresford a humilhação suprema, impedindo-o de desembarcar. Claudino e tantas outras victimas da insolencia do proconsul britannico estavam emfim vingados.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONUMENTO A D. PEDRO V, EM CASTELLO DE VIDE

A nossa gravura representa o sumptuoso monumento levantado no Rocio da pittoresca villa de Castello de Vide á memoria do saudosissimo e preclaro monarcha, D. Pedro V.

Foi feito por subscripção, que todos os filhos d'aquella boa terra coadjuvaram, e tem, n'uma das fa[illegible] do seu pedestal, gravadas estas palavras:

PETRO V
LUSITANORUM. REGI. DILEC[illegible]SIMO
NON. OCTOBR. ANN. MDCCC[illegible]I
CASTELLUM. DE VIDE. OPPIDUM. I[illegible]ISERE
DIGNATO
OPPIDANI. EGREGIAS. JUVENIS
DISIDERATISSIMI
VIRTUTES. MEMORATURI
HOC MONUMENTUM
POSUERE
ANN. MDCCCLXX

A El-Rei D. Pedro V, o muito amado, que se dignou de visitar, em 7 de outubro de 1861, esta villa de Castello de Vide, seus habitantes, para commemorarem as egregias virtudes d'aquelle moço saudosissimo, erigiram este monumento em 1870.

PESCADORES DE VENEZA

São como todos os pescadores. Quasi os mesmos typos dos nossos, identica maneira de vestir, egual modo de exercer a industria piscatoria, a mesma rudeza de gestos e de palavras.

Ha, porém, uma coisa em que os venezianos se não parecem com o nosso pescador indigena. Este, quando vae affrontar os perigo do oceano, deixa a companheira em casa: aquelles levam comsigo as esposas para o alto mar: querem que ellas partilhem das suas penas durante o bramir da tempestade, e das suas alegrias quando as redes e os covos se alam para bordo vergando ao pezo da pescaria.

Se o mar não dá nada e o dia correu mal, consolam-se trocando caricias. Soffrem menos assim, e são muito mais felizes.

Não ha nada como a companhia da mulher amada, em horas de perigo e de desanimo.

UMA SCENA DA REVOLUÇÃO FRANCEZA

A nossa estampa representa uma das muitas scenas desoladoras da Revolução franceza. E' uma scena de lagrimas, pungitiva e lancinante.

Prenderam o marido d'aquella infeliz creatura; roubaram-n'o ao seu amor, e vão matal-o sem piedade. Ella supplica, por entre lagrimas amarissimas, que não lh'o arrebatem para sempre ás caricias da filhinha estremecida.

O guarda da masmorra, insensivel aos prantos da desventurada, saboreia a sua dôr profunda e prepara-se para ler a prosa incendiaria de Marat, no *Ami du peuple*.

Debalde ella implora piedade, contorcendo-se nas agonias do desespero. Ninguem escuta os seus rogos; ninguem attenta nas lagrimas da infeliz creancinha que vae ficar orphã.

A revolução transforma os homens em feras.

Quando o sangue corre pelas ruas, apagam-se nos corações todos os sentimentos de justiça e de caridade.

OS SALTIMBANCOS

Uns desgraçados.

Passeiam a sua negra miseria de terra em terra, de logar em logar, mostrando-se alegres quando a fome aperta mais intensa, exhibindo pantomimas e saltos mortaes, quando a neve lhes entorpece os membros mal cobertos.

No fim de contas não se queixam, ou antes não põem em evidencia os seus intimos pezares.

Se o pão lhes falta, recorrem ao cachimbo. Quando, ao cabo d'uma longa caminhada por villas e aldeias, se encontram sem pão nem tabaco, teem, por ultimo recurso, o somno que tudo faz esquecer.

Uma palhoça encontra-se em qualquer canto. Dorme tudo promiscuamente, o homem dos sete instrumentos, o do clarinete, o do figle, o palhaço, o cão, o macaco e o garoto das deslocações.

No outro dia encetam nova marcha, e assim por diante, até irem morrer, minados pela tuberculose, no catre d'um hospital.

CRUZES DA SE

Em antiguidade como em gerarchia a Sé patriarchal é o primeiro templo de Lisboa.

Comquanto não seja precisamente conhecida a epoca da sua fundação, não pode admittir duvida que ella se remonta a tempos muito afastados, e porventura ainda anteriores ao reinado de D. Affonso Henriques.

Atravez dos estragos causados n'aquelle edificio colossal por differentes terramotos, e das reconstrucções que alguns d'esses estragos reclamaram, divisam-se vestigios da primitiva edificação.

A nossa estampa representa a parte exterior do templo a que nos referimos, que olha para o lado oriental.

Por ella se veem differentes feições, que correspondem a muitas das transformações por que tem passado aquelle monumento.

Ao longo d'aquellas vetustas arcarias e arruinadas muralhas,

PESCADORES DE VENEZA (Quadro de F. Falhenberg)

OS SALTIMBANCOS

(Quadro de R. Ribera)

UMA SCENA DA REVOLUÇÃO FRANCEZA (Quadro de Paulo Swedomsky)

corre a rua, que conduz ao antiquissimo bairro de Alfama, o mais antigo dos quatro em que se dividia Lisboa.

ANIMA MEA

Estava a Morte ali, em pé, diante,
Sim, diante de mim, como serpente,
Que dormisse na estrada e de repente
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de vêr a funebre bachante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: «Que buscas, impudente,
Loba faminta pelo mundo errante?»

«Não temas, respondeu» e uma ironia,
Sinistramente estranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a bocca fria.

«Eu não busco o teu corpo .. Era um tropheu
Glorioso de mais . Busco a tua alma·»
Respondi-lhe: «A minha alma ja morreu!»

ANTHERO DO QUENTAL.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

ESTACIO.—O logogripho posto a premio tem os versos errados, por isso não vae.

Pode emendal-os?

FRANCISCO HERMENEGILDO DA S. P.—Chellas.—Recebemos, mas ainda não tivémos tempo de ler. Ficam archivados.

BENTO JUNIOR.—Será servido em occasião opportuna, ficando certo de que não pertence ao numero dos ultimos.

EXPEDIENTE

E' prodigiosa a quantidade de charadas novissimas què todos os dias recebemos. Sem acharmos o genero de todo mau, quando ellas são bem feitas—o que nem sempre succede—pedimos aos nossos leitores a fineza de substituirem as *novissimas* por charadas em verso ou logogriphos. Teem dobrado valor e a sua decifração é sempre mais difficil.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Busca um tecido para esta mulher—2—1.

No oceano é doce esta bebida—3—1.

E' perigoso o appellido d'esta fructa—1—2.

CARLOS HELIOGÁBALO.

Este verbo está no pensamento para tomar banho, e allumia—1—1—2.

POLLUX.

Na musica faz compaixão este destino—1—1.

Esta villa está no mar—3.

Abafa e mortifica este homem—2—1.

Torres Novas. JOAQUIM JORGE MATHIAS.

Este instrumento no sapato é moeda antiga—1—2.

Na ave e na musica esta vasilha.

LUDOVICUS.

ARCHI-NOVISSIMA

(Adagio)

No rosto a preposição é doce, e no homem a preposição amarga—2—1—1—1—1—1.

CARLOS HELIOGÁBALO.

NOVISSIMAS EM ACROSTICO

Da cidade a mulher é robusta—2—2.

O trabalho mata aquelle que trabalha—2—1.

Libertou-nos sem resultado este homem—2—1.

O appelido do animal é animal—2—2.

Reparei na arvore que tinha um peixe—1—2.

Esta ilha é interjeição espessa—2—1.

Sente-se n'este rio o animal—1—2.

CARMO E SOUSA.

ELECTRICAS

A's direitas cança e ás avéssas é magistrado—2.

A's direitas apoquenta e ás avéssas agasalha—2.

A's direitas nome proprio e ás avéssas illumina—2

Belem. J. M. DE SOUSA GOMES.

EM VERSO

Qu'rendo trocar uma letra
Por outra, tambem vogal,
Deve encontrar facilmente,
Feita a troca, vegetal.—2

Qu'rendo trocar consoante
Por outra de egual jaez,
Ha de encontrar appelido
D'um ministro portuguez.—2

Junte agora as duas partes
Mas sem trocas lhe fazer
Verá villa portugueza
Que é possivel conhecer.

CARMO E SOUSA.

LOGOGRIPHOS

(Ao meu amigo T. L. Braz)

Nome—4—9—2—5—6—7—9
Appellido—9—7—7—6—7
Nome—3—4—3—4—6—3—7
Appellido—1—3—2—6—9

MATTOS MENDONÇA.

(Ao meu amigo G. Caetano, author do logogripho cuja decifração é *Galanga*)

Agradeço, meu amigo,
E em signal de gratidão
Envio o seu logogripho
Com outra decifração.

Pobre mulher, coitadinha,—6—7—8
Tem vontade de comer.—8—4—5—6—3—8
Esta ave gallinacea—2—5—4—1—5
Que no lagar podes ver—1—5—6—6—8

Este agora é vegetal
Cá do nosso Portugal.

F. L. MÉGA.

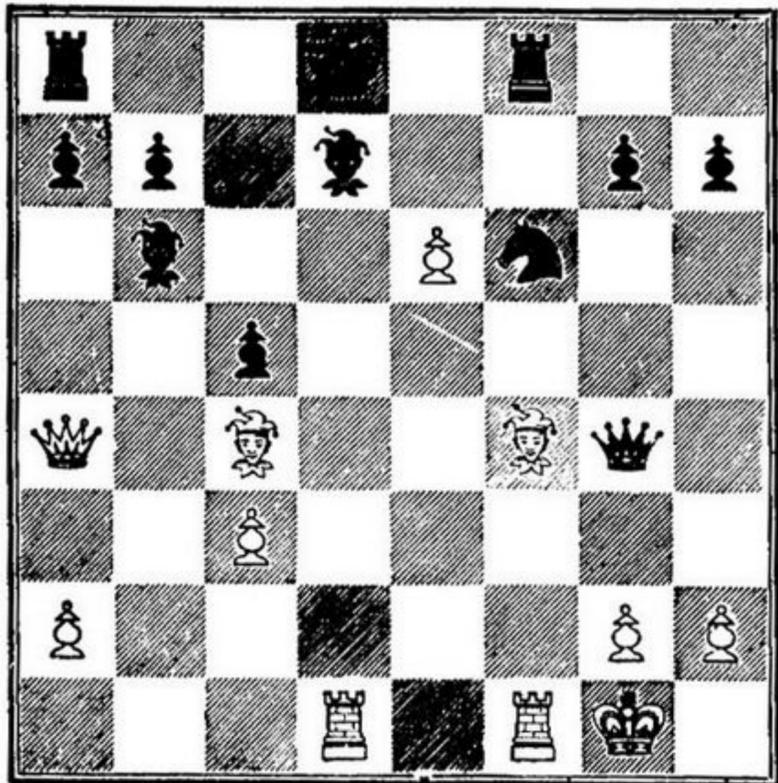
PROBLEMA

Tres mulheres, chamadas Theodolinda, Euphrasia e Tertulliana foram a uma feira com seus filhos, e compraram, para cada um d'estes, um brinquedo. Theodolinda e Euphrasia deram por cada objecto um numero de tostões tal, que a somma d'estes numeros eguala a somma de 4 vezes o numero d'objectos comprados por Theodolinda, mais o numero d'objectos comprados por Euphrasia; e o producto d'aquelles numeros é o mesmo que o de 4 vezes o numero d'objectos comprados por estas duas mulheres. Sabe-se mais que Theodolinda gastou 7 tostões mais que Euphrasia, e que o numero total de filhos das 3 mulheres é egual a 9. Pergunta-se quantos filhos tem Theodolinda, Euphrasia e Tertulliana?

MORAES D'ALMEIDA.

XADREZ

PROBLEMA N.º 19

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Argola.
2.ª—Canabraz.
3.ª—Canario.
4.ª—Avelino.
5.ª—Paulino.
6.ª—Santola.
7.ª—Vieira.
8.ª—Camello.
9.ª—Andaluzia.
10.ª—Apa.
11.ª—Ana.
12.ª—Anina.
13.ª—Ante.
14.ª—Ebro.
15.ª—Eva.
16.ª—Adem.
17.ª—A r o m a
r o c a
o c a
m a
a
18.ª—Murcia.
Anvers.
Rodano.
Ischia.
Almada.
Nantes.
Niemen.
Aragão.
Tiflis.
Ombria.
Russia.
Rimini.
Elvira.
Silves

Da pergunta enigmatica:—Jacintho.
Da adivinha popular:—Thuribulo.
Dos logogriphos:
1.º—Ignacia.
2.º—Callado.

Xadrez—Solução do 18.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. D. 3 T. D. (cheque).	1. P. 4. B. D.
2. D. toma P. (cheque).	2. P. 3 D.
3. D. toma P. (cheque).	3. C. 2 R.
4. D. toma C. (cheque e mate) ou D. 8 D. (cheque e mate).	

Do problema:—Varias soluções.

	Toneis cheios	Toneis meios cheios	Vasios
Fagundo	0	7	1
Procopio	2	3	3
Seraphim	3	1	4
Fagundo	1	5	2
Procopio	3	1	4
Seraphim	1	5	2
Fagundo	2	3	3
Procopio	2	3	3
Seraphim	1	5	2

Cada uma d'estas soluções dá ainda 6 soluções differentes.

A RIR

Propõem, para marido, a uma donzellinha formosissima, um velho archi-millionario.

—Que edade tem elle? pergunta a rapariga.

—Vae fazer 70 annos, mas parece um homem de 45, quando muito.

—Que zanga! Preferiria que parecesse ter 90... e que os tivesse realmente!

*

Réclame colhida n'um jornal de provincia:

«Os livros d'este abalisado escriptor não carecem de recommendação: pertencem ao numero d'aquelles que se lêem com os olhos fechados.»

UM DOMINÓ.

PECCADORA

Pobre mulher! Eccôa-me,
N'esta alma entristecida,
Da tua voz dorida
A flebil viração.
Do teu caminho asperrimo
Ferem-me as sarças duras,
E as tuas amarguras
Sinto-as no coração.

Tu eras rosa esplendida
De viço e de perfume,
Queimou-te o rubro lume
Do desejar sem fim.
Sonhaste no mysterio
Das murmurosas selvas,
No doce olor das relvas,
No placido jardim.

E hoje, o teu rosto morbido
Traduz quanto supplicio
Póde infligir o vicio,
A quem renega os ceus.
Chame-te o mundo reproba,
Eu chamo-te illudida...
Pobre mulher perdida!
Lavem-te os prantos meus.

Chora, mulher! as lagrimas
Lavam a dôr e o crime,
—Benção do ceu sublime,
Que nos legou Jesus.
São como orvalho celico
Descendo á flor pendida...
Trazem aos mortos vida,
Trazem ás sombras—luz.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

UM CONSELHO POR SEMANA

Deus nos livre de imaginar que qualquer dos nossos leitores terá um dia a desgraça de soffrer a asphixia pelo carbone. Mas se isso acontecer, é bom que lá por casa tenham conhecimento das seguintes prescripções:

Na asphixia pelo carbone deve-se logo abrir as janellas, despir a victima, estendel-a sobre uma cama, com a cabeça bem alta, friccionar-lhe as pernas com alcohol, dar-lhe a beber agua

com vinagre, e fa er-lhe a respiração artificial, comprimindo-lhe o peito alternativamente.

O medico fará o resto.

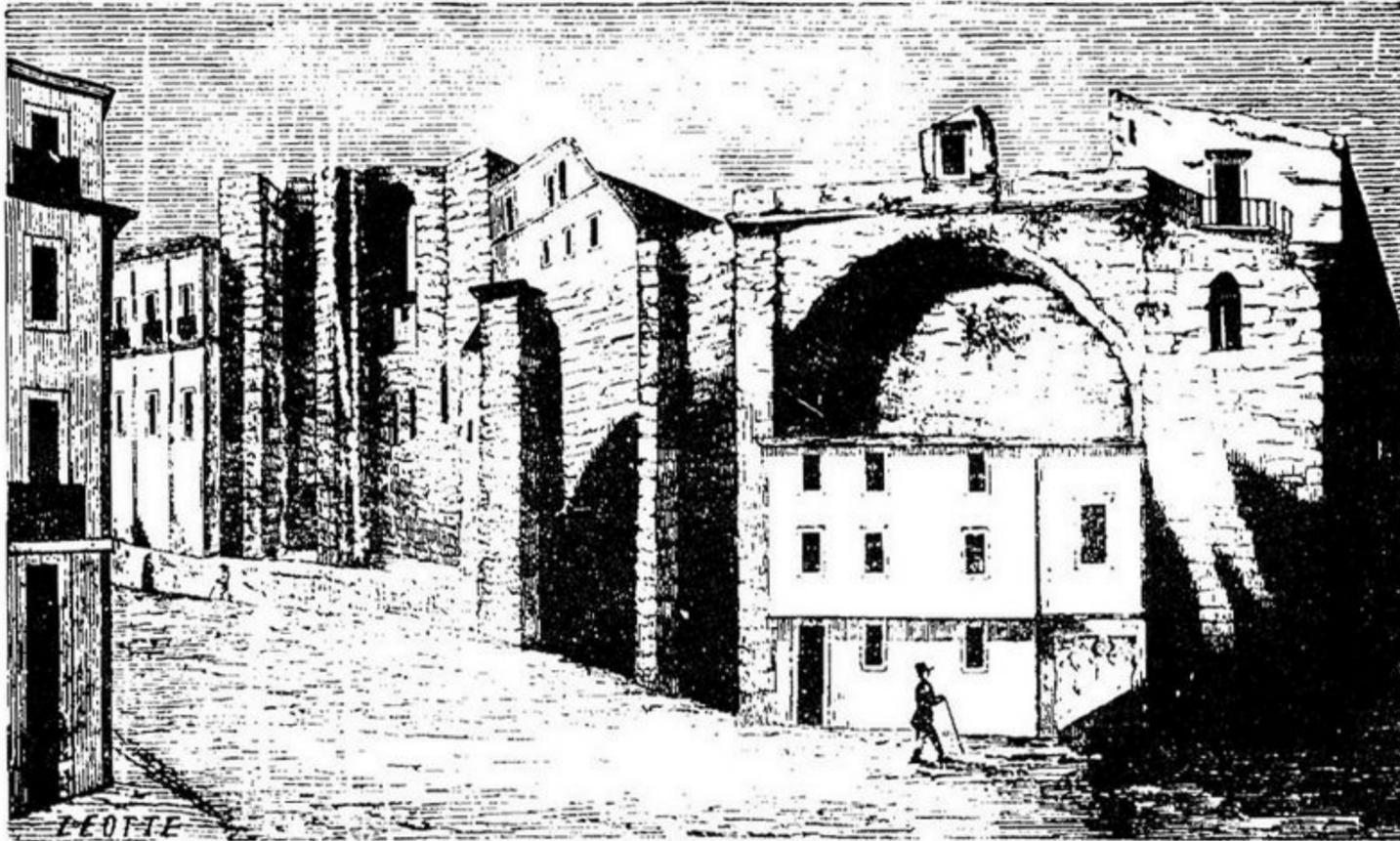
O SENHOR ABBADE

Feliz o tempo antigo em que havia em Portugal moralidade e economia; o povo resava as contas e ouvia missas, e os poderes publicos dirigiam com mão firme e zelo inexcedivel os negocios dos frades.

Bons tempos!

Para que o leitor possa ajuizar o céo aberto que seria então este

«Jardim da Europa á beiramar plantado.»

contar-lhe-hemos uma linda historia; a historia edificante do senhor abbade.

CRUZES DA SÉ

Chamava-se elle Antonio de Mello, e governava pacificamente os frades do convento de Pombeiro, da ordem de S. Bento. Da sua vida e feitos deu a senhora D. Catharina, que assumira a regencia na menoridade de D. Sebastião, as mais redondas informações para Roma:—«Que por ser poderoso, rico e bem aparentado nunca fôra visitado pelos arcebispos de Braga, a cuja diocese pertencia, e que por esse motivo vivia deshonesta e criminosamente, recolhendo malfeitores em sua casa, d'onde sahiam a fazer latrocinios, mortes e toda a qualidade de violencias, n'algumas das quaes o dito abbade era criminoso.» Notaremos de passagem, que se o velho Portugal deveu ao rei piedoso as benditas fogueiras da santa inquisição, o Portugal novo deve á illustre viuva de tão bom monarcha ter cá introduzido o costumesinho das partes carregadas; em que tanto se comprazem os collegas do habil policia Antunes.

Vamos á historia. O arcebispo de Braga, D. Balthasar Limpo, ainda ousou reprehender Antonio de Mello, o qual, tomando na consideração devida as admoestações do seu prelado, resolveu não se emendar; pelo que, o mesmo prelado escreveu duas vezes a el-rei, para que o mandasse chamar, e o censurasse. Foi Antonio de Mello chamado, foi censurado, mas não foi emendado.

Depois da morte de el-rei foi chamado de novo á côrte, «onde se apresentou deshonestamente com uma mulher com quem estava amancebado, e sem fallar a sua alteza, e sem lhe pedir licença, retirou-se» para Madrid. Tudo ista consta da parte que a princeza mandou ao commissario geral da policia religiosa, o summo pontifice, communicando lhe tambem, que, pelo sim, pelo não, já tinha mandado sequestrar as rendas do abbade e instaurar a este um processo Concluia a regente ponderando, que sendo da maior conveniencia castigar tão mau procedimento, para que não ficasse servindo de pessimo exemplo a todos os ecclesiasticos do reino, pedia a sua santidade incumbisse d'esta causa o cardeal D. Henrique, seu collega na regencia, pois que só a grande auctoridade d'elle poderia emendar tamanhos escandalos. Nada mais justo: em quanto um estivesse a emendar vagarosamente os escandalos, occupar-se-hia o outro de devorar soffregamente as rendas sequestradas. Um arranjo.

Mas a misericordia divina tocou no exilio o coração de Antonio de Mello, que resolveu fazer a emenda tão anciosamente desejada pela zelosa regente; a qual emenda era renunciar a abbadia, deixando vaga uma magnifica prebenda.

Depois de tão perfeitamente emendado, não foi nada difficil ao abbade obter o perdão de se haver ausentado do reino sem licença, sendo-lhe permittido que viesse gosar em paz as frescas brisas do Tejo, livre dos frades do convento de Pombeiro, e alliviado dos rendimentos do mesmo. Não chegou, porém, a gosar tantas venturas, porque o surprehendeu a morte, talvez ao fazer a mala.

Logo que vagou a abbadia, apressou-se a princeza a pedir ao papa que lhe fizesse mercê do mosteiro de Pombeiro, o qual desejava reformar, como tanto precisava; e ao mesmo tempo escreveu ao cardeal Santafiore, que se interessasse por este negocio. O bom cardeal interessou-se muito mais do que a regente desejava, porque pediu a abbadia para si, por certo com o louvavel intento de emendar elle os escandalos; e esteve em riscos de a apanhar, assim como a abbadia de Refoyos, que tambem estava vaga, e que é de crer precisasse egualmente de boa emenda. Esta pequena contrariedade obrigou a princeza a modificar um pouco o seu zelo de reformas, sem todavia desistir da idéa de que fosse uma pessoa da familia quem emendasse os escandalos; sollicitou, portanto, da côrte de Roma a nomeação de D. Antonio, filho do infante D. Diniz. Mas o pontifice, que já não era o mesmo que havia promettido ao cardeal Santafiore de o presentear com as rendas de dois mosteiros portuguezes, via-se consumido com empenhos: mais alguns cardeaes e varias outras pessoas de muita consideração e virtude resignavam-se, promptificavam-se, desejavam, pediam para lá da cidade eterna emendarem capazmente os escandalos dos dois mosteiros do Minho, e bem assim embolsarem as respectivas rendas.

O filho do infante D. Luiz fazia gosto em ser abbade; queria para si a gloria de emendar os escandalos, sujeitando-se a todas as conquencias d'esse penoso encargo, inclusivé a disfructar as rendas, e a nomear um procurador, que cuidasse do resto. O embaixador portuguez, aguilhoado pela nossa côrte, instava em Roma pela nomeação de D. Antonio, ao passo que outros pretendentes redobravam de esforços

O bom do papa, seriamente embaraçado com as difficuldades de escolha, sahiu-se, por fim, com a jovialissima idéa de nomear para as referidas abbadias um sobrinho seu, deixando embatucados todos os outros pretendentes. Uma boa partida. O embaixador portuguez, desagradavelmente surprehendido, quando se embalava docemente na risonha esperança de que lhe nao faltariam as solemnes promessas, queixou-se ao santo padre, o qual, com muito boas e onctuosas palavras o mandou com Deus, visto ser negocio findo o objecto da lamuria.

D. Antonio deu pulo: o embaixador viu-se quente, mas tanto andou, tanto andou em voita do tal sobrinho do papa, que por fim conseguiu que elle renunciasse as duas abbadias, mediante uma insignificante condição: ficar recebendo uma avultada pensão annual, tiradas das rendas dos referidos mosteiros.

Ora eis aqui tem o leitor como no virtuoso Portugal d'outr'ora se perseguiam implacavelmente os escandalos.

D.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.°, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa